



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

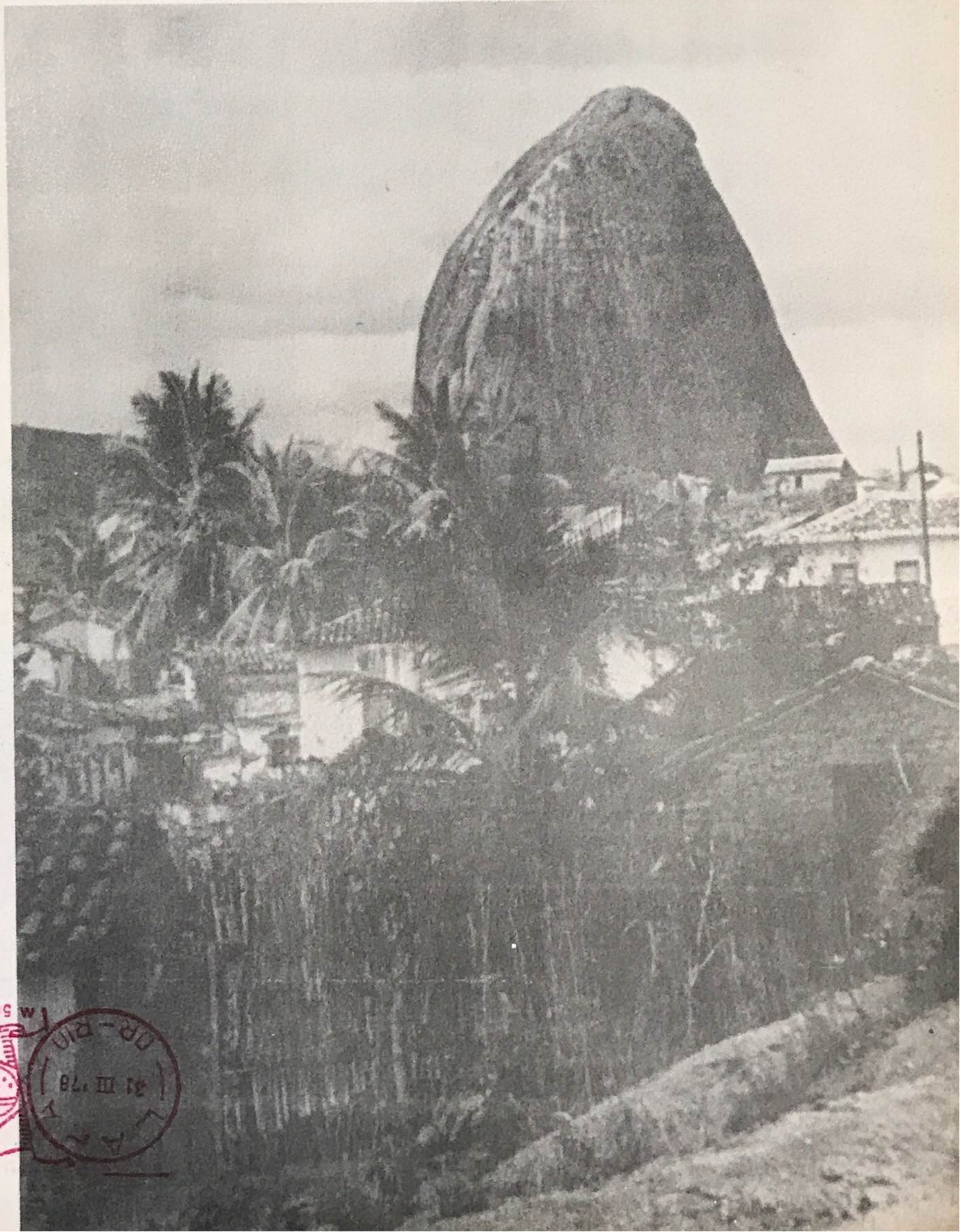
AV. RIO BRANCO, 277-GR. 805
RIO DE JANEIRO - TEL. 252-9908

39

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ

Nº 446/JAN 78

NELSON BRAVIN FERREIRA
RUA URUGUAI, 205 C01
ZC 09



DESTINATÁRIO





CONHECER O BRASIL

SEDE PRÓPRIA:

AV. RIO BRANCO, 277 - CR. 808
ZC-39 - CEP 20 000
RIO DE JANEIRO - RJ
BRASIL - TEL.: 252-99 08

EXPEDIENTE: 3ª e 6ª
FEIRA DESDE ÀS 19:00 h

RECONHECIDO DE UTILIDA-
DE PÚBLICA PELO DECRE-
TO LEI E/640 DE 17 DE
NOVEMBRO DE 1964 DA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DA GUANABARA.

DIRETORIA DO CERJ

PRESIDENTE
SÉRGIO DE SOUZA BANHA

VICE-PRESIDENTE
CLAUDIO LEUZINGER

SECRETÁRIO
RENATO PAPPONE

1º TESOUREIRO
IVONE GERALDES DE ALMEIDA

2º TESOUREIRO
ELZA GUIMARÃES FRANÇA

DIR. PROPAGANDA
WALTER CHAVARRY VELLOSO

DIR. SOCIAL
VERA REGINA DIEGUEZ LEUZINGER

DIR. TÉCNICO
CARLOS BERNARDO

BOLETIM INFORMATIVO
OFICIAL DE PROPRIEDADE
DESTA ASSOCIAÇÃO

Centro Excursionista Rio de Janeiro

(MEMBRO FUNDADOR DA FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

(Fundado em 20 de janeiro de 1939)

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ - Nº 446 - JAN. 78

Índice

Página do Editor	2
Eleição	3
Caça às Orquídeas	5
Conquista Pedra Grande	7
Croquis Pedra Grande	11
Ficha Técnica	12
Notícias DT	13
Conquistas do CERJ	13
Visite os Museus	14
Balanco de 1977	14
Conhecer o Brasil - Teresina	15
História do Telescópio	16
Vivendo e Aprendendo	16

capa: PEDRA GRANDE -
(Munc. de Almenara - MG.)

Recente Conquista CERJ/CEC

COLUNA DO EDITOR

Um Ano Novo se inicia.

As perspectivas são bastantes favoráveis.

O primeiro boletim chega em suas mãos, com atraso, é verdade, porém, espero que seja do agrado de todos, como têm sido as pretensões das edições anteriores.

Alguns sócios, como: Bernardo, Arlindo, Mário Afonso, procuraram-me, trazendo alguns anunciantes. Isto é muito bom, pois, elimina as despesas que o CERJ arcava com a impressão

e expedição deste informativo. Agora, com receita própria, fica mais fácil ter suas publicações em épocas certas.

Vamos colaborar com os nossos queridos patrocinadores, nem que seja com uma simples visita amiga. Diga a ele que viu sua mensagem publicada em nossa revista.

O boletim de fevereiro já está sendo rodado e dentro de uma semana estará sendo consumido com apetite voraz por todos os que o prestigiam.

CASAMENTO

Nosso querido associado Oswaldo Pereira Filho (Santa Cruz) com a srta. Lúcia Helena Lopes Ladeira, também sócia do CERJ.

Felicidades ao casal.

AGRADECIMENTO

Queremos deixar aqui registrado, os agradecimentos a alguns sócios proprietários, que doaram alguns de seus títulos, para que os mesmos fossem revendidos em benefício do CERJ.

CINEMA

A CENTRAL CERJ DE PRODUÇÕES, apresenta sob a Direção e Patrocínio de Sérgio de Souza Bahia, um grandioso filme cheio de aventuras e suspense, o título é :

" CARNAVAL NA ILHA GRANDE "

A estréia está marcada para o dia 10 de março às 20:00 hs.

O LEMA DO CERJ

" CONHECER O BRASIL "

kombi pick - up

- TRANSPORTES EM GERAL
- MUDANÇAS



À FRETE
(preços à tratar)

RECADOS:

V. SOARES DA COSTA & CIA. LTDA.
Tels. 232-2811 • 232-0760
sr. ALCINO ou JOSÉ DE BARROS

ELEIÇÃO

Foi uma noite memorável.

Nos 39 quase 40 anos de existência do CERJ, nunca se havia tido notícia de uma campanha eleitoral tão movimentada. As discussões se sucediam, "esquentando" o tranquilo ambiente da sede, indo às vezes a um passo do desforço físico; invectivas, gritos e insultos se cruzavam atropelando as poucas moléculas de ar que restavam no ambiente quase irrespirável.

E, do jogo das discussões, surgiram a Realização, (com esse) e a Unicerj. Tranquilidade, enfim! pensaram os assustados cerjenses. Que esperança... a disputa, com vigor redobrado, invadia residências e lá pernoitava, atravessando madrugadas no calor dos argumentos; na sede, os cartazes se multiplicavam, dois e três disputando com o mesmo empenho cada metro quadrado da parede; os dizeres e os temas surgiam de todos os lados, à medida em que as vagas nas chapas eram preenchidas; os nomes escolhidos levavam a discussão a todo quadro social, que pesava, media e comparava; as pla-

taformas eram divulgadas, defendidas, atacadas, achincalhadas, levadas aos cumes das montanhas ou às profundas do inferno, conforme a posição dos argumentadores.

Aconteceu de tudo! Sócios há muito em atraso regularizando sua situação no dia das eleições do conselho deliberativo, sócios-proprietários há muito desaparecidos, voltando para votar em seus candidatos; dezenas, centenas, de telefonemas, cartas, lembretes, conversas ao pé do ouvido, cantadas, previsões otimistas e pessimistas, discussões filosóficas.

E chegou afinal o grande dia!

Em uma coisa, não diferiu de qualquer outro dia de reunião: a primeira convocação reunia apenas uns poucos sócios. Mas, na meia hora que se seguiu, as assinaturas se acumularam na última página do velho livro, que, não suportando a pressão, acabou explodindo em uma página avulsa de nomes que chegaram à cifra de 50 votantes. Recorde absoluto nos últimos 28 anos de existência do CERJ.

As chapas foram apresentadas, oficialmente, a uma assembleia de conselheiros e não-conselheiros, uns e outros ávidos pelos resultados da votação, após uma reunião longa e cheia de assuntos de maior interesse. A tensão subia a cada momento, centímetros e mais centímetros de unhas roídas; a expectativa ultrapassava todos os limites. A velha taça, urna tradicional, desceu de seu trono no alto da parede e foi para o meio da mesa, levada por mãos ansiosas.

Hélio, Russo, Lourdes, uma ilha de calma no meio da tempestade, iniciaram a chamada. Um a um, os papezinhos desciam para o fundo da taça e os nomes soavam, um trazendo certeza, outros incôgnita; dentre os votados, apenas o Virgílio, candidato de todos, era palpite certo.

Cinquenta votos, cinquenta votantes, cinquenta papezinhos; começou a contagem e começaram a ceder os nervos da assistência. Unicerj, Realização, Unicerj, Unicerj, Realização.

A folha de papel diante da Lourdes recebia voto após voto,

treze a oito para Unicerj, treze a nove para Unicerj. Reação, pensou a Realização! Engano, Unicerj, Unicerj, Unicerj, dezesseis a nove. A vaca foi para o brejo, pensou, gritou, murmurou a Realização!

E nesse momento, Hélio, o imparcial o magistrado, remexeu os votos restantes. E trouxe à tona as esperanças da Realização. Reação, agora sim. De voto em voto, vinte a vinte. Empatou! Realização gritou. Vinte e seis a vinte e dois e dois brancos, cinquenta votos, Fim.

Momento alegre e triste. Prata alegre, Sta Cruz triste. O CERJ alegre e triste. Comemorações e posses. Enfim.

Cartazes arrancados, três semanas passadas, perto do Natal. Prata alegre, Sta Cruz alegre. Assim é o CERJ. Realização, Unicerj, Realicerj, União, realismo, ação, CERJ. E assim, estou certo que completaremos 40 anos no ano que vem, 80 daqui a 40, 120 daqui a 80.

Foi uma noite memorável.

Paulo Oswaldo Boaventura Netto

PROTEJA O MEIO AMBIENTE
PARA AS GERAÇÕES FUTURAS

Caça às orquídeas

Das 20 000 variedades de orquídeas catalogadas em todo o mundo, pelo menos 16 000 são encontradas no Brasil. Principalmente em Santa Catarina.

Muitas estão sendo dizimadas pelos "caçadores"; as que restam são protegidas por alguns fazendeiros — até de armas na mão

As orquídeas florescem em novembro, em Santa Catarina. São centenas de variedades de todas as cores, das microscópicas flores do tamanho de uma cabeça de alfinete, sem valor comercial, aos tipos mais valorizados, como a "Laelia purpuratalba", a mais bela flor da mata pluvial atlântica, antes abundante na região de Florianópolis. No mês passado, entretanto, a ilha de Santa Catarina não reproduziu o espetáculo que fazia a alegria dos cultivadores de orquídeas porque as plantas já não aparecem como antigamente. Pelo contrário: somente nos penhascos mais altos, nas pedras perigosas ou nas fazendas cujos proprietários têm alguma preocupação ecológica, foi possível vê-las florescer.

Para um velho especialista, como Paulo Ewald, de Joinville, com 72 anos e há 52 um orquidófilo cuidadoso — há até mesmo uma variedade com o seu nome registrada em Londres —, o paraíso das orquídeas está irremediavelmente devastado. Ele se lembra dos tempos — duas décadas atrás — que navios saíam abarrotados de orquídeas de Florianópolis rumo aos mercados compensadores da Europa e dos Estados Unidos. E recorda também os embarques em caminhões para São Paulo, até os anos 60. De certa forma, ele próprio se sente culpado pela devastação, pois ela tem origem nas exposições — e o

velho Ewald faz exposições desde 1937, já tendo obtido 54 prêmios e representado Joinville em certames de orquidófilos pelo menos dezoito vezes.

16 000 variedades — Primeiro, as pessoas iam para o mato colher as espécies mais bonitas e arrancavam muito mais que sua capacidade de cultivar. Logo, começaram a chegar os comerciantes de outros Estados, que colhiam às toneladas, destruindo até mesmo as palmeiras e as outras árvores que abrigavam as plantas. Uma orquídea leva de seis a oito anos da semente à primeira floração, tornando-se difícil seu cultivo em grandes quantidades, de acordo com Ewald, "salvo se alguém se encarregar de cruzar e aproveitar as cápsulas da semente espalhando-as pela mata novamente".

Essa verdadeira caça predatória, portanto, foi aniquilando não apenas as espécies de Santa Catarina mas também de todas as regiões. Em Camaquã, no Rio Grande do Sul, outra das áreas mais ricas do país — dos 20 000 tipos catalogados mundialmente, pelo menos 16 000 variedades são encontradas no Brasil —, a devastação aconteceu nas mesmas proporções. O fazendeiro e agrônomo Wilmar Ferreira da Veiga, em cujos 1 200 hectares sobrevivem, protegidos, milhares de bichos e de plantas,

testemunha há muitos anos a extinção das orquídeas. Para ele, um dos principais motivos é a mentalidade do agricultor — “que não pensa no amanhã”. As queimadas, que continuam sendo feitas indiscriminadamente, matam as orquídeas — e o pouco que resta, em sua opinião, só será preservado se o Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal (IBDF) adotar algum tipo de fiscalização a nível municipal. Veiga explica que, no momento de preparar a queimada, os agricultores afastam o mato das figueiras e das outras árvores que produzem as orquídeas. Quando o mato é queimado, ainda que a árvore resista, apenas tosqueada, a orquídea morre, pois não tem a mesma resistência dos grandes arbustos.

Extinção — Quando as queimadas eram feitas por pequenos minifundiários, ainda restavam as matas dos latifúndios, praticamente intocadas, como último nicho das orquídeas. Mas, a partir de 1964, segundo Veiga, com a introdução da cultura do fumo no município, as queimadas se tornaram generalizadas — e não resta mais espaço para as flores nativas. A única



reserva existente na região atualmente é produto da generosidade de um grupo de fazendeiros que fundou o Pampa Sáfari no município de Santo Antônio da Patrulha, onde estão sendo preservados de antas, veados e exemplares do gado primitivo do Rio Grande do Sul a variedades de orquídeas multicoloridas, como as do gênero *Cattleya*. Exemplos como esse, embora estimulem a esperança dos conservacionistas, não chegam a tranquilizar os botânicos Roberto Klein, da Universidade de Santa Catarina, e Raulino Reitz, da Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente do mesmo Estado.

Em estudo recente, em que catalogaram 555 espécies dessa flor, eles concluem que o conhecimento científico das orquídeas ocorre mais lentamente que sua extinção. Os dois criticam não apenas a busca predatória mas a exportação regular, através de orquidários registrados no IBDF — como o Orquidário Catarinense e a Florália Orquidários Reunidos, do Rio de Janeiro. Pois, na opinião de Klein, “o único ambiente recomendável a uma orquídea é a própria natureza”.

VEJA 7 DE DEZEMBRO 1977

marceneiro - decorador

JOSÉ DAVID

(AUTÔNOMO) - ISS. Nº 860.300.00

• INSTALAÇÕES COMERCIAIS • ARMÁRIOS EMBUTIDOS • DIVISÕES EM MADEIRA • REVESTIMENTOS EM FÓRMICA • REBAIXAMENTO DE TETO • COLOCAÇÃO DE SOALHO OU FORRO • CARPINTARIA em GERAL.

COMPETÊNCIA - BOM GOSTO - HONESTIDADE - RAPIDEZ

RUA HAROLDO LOBO, 91 - RUA "A" Nº 592 - TEL. 393 - 4958 (res.) - ILHA GOV. - RIO

transas do D.T.

Conquista de Pedra Grande

DESCRIÇÃO HISTÓRICO - TÉCNICA DA ESCALADA

Domingo, 18/07/76

Chegamos a Pedra Grande à tarde, tendo que gastar tempo com relações públicas e quejandos.

A caminho do acampamento, estudamos mais uma vez a via já tão estudada.

A segunda metade da escalada seria por uma "chaminé" cheia de mato, que parecia permitir caminhada, com lances esparsos. Até a entrada dessa chaminé, a via tenderia para a esquerda. Os primeiros 40 m seriam de costão que formava uma espécie de "Saia" na pedra. Em seguida, o paredão começava deitado e depois de uns 25 m aprumava-se bastante. Felizmente nesse trecho mais vertical encontrava-se a "Lagartixa" (45 m), espécie de espigão cuja fenda deveria nos ajudar bastante. Teríamos então que rumar para a base da dita lagartixa e o trecho mais vertical de agarras se reduzia a uns 25 m antes do começo da mesma. Terminando a Lagartixa, estava passado o trecho vertical. O paredão deitava então sensivelmente e era cheio de platôs de mato, parecendo aderência bastante fácil nos 15 m seguintes, até o ponto onde começava, salvo engano nosso, uma espécie de passarela de 25 m que permitia a horizontal para a esquerda que nos levaria à base das fendas que desciam do "Sorvete". Esse "Sorvete" era um tótem em forma de bolota, de sorvete de casquinha, ao qual se seguia a Chaminé.

A chaminé, como já foi dito, parecia fácil caminhada. Mas devia ter, ocasionalmente, lances de mato ou chaminé. Calculávamos que poderia haver complicação nas "Tres Pedras", blocos de mais de 20 m de diâmetro cada, encaixados já no trecho final. A partir daí, parecia haver um costão bastante fácil, possivelmente caminhada até o cume. (Todas essas previsões se verificaram aproximadamente corretas.)

Devido ao tumulto da pequena multidão que nos acompanhou até o local de acampamento, ajudando a transportar o material, inclusive, gastamos tempo em levantar e organizar o acampamento, resolvendo subir trecho da pedra ainda nesse dia apenas porque seria, de qual

quer forma, um adiantamento do serviço. Tal se deu às 15:30 hs.

A "Saia" foi subida sem dificuldade, direto (formou-se, inclusive, aglomeração de crianças na mesma). Pequeno reunião no chamado "Platô Base", no final da "Saia". Saiu o Eugênio com segurança de ombro desse platô. Bateu um grampo de 3/8 aos primeiros metros do lance de agarras. Daí, com costuras em 2 grampinhos Alpinat, conquistou um lance de cerca de 25 m até um pequeno platô no fim da parte deitada, onde bateu mais um 3/8. ESSE LANCE, ALIÁS, É DE SEGURANÇA DISCUTÍVEL. CASO SEJA REFEITA A VIA, SERIA CONVENIENTE ACRESCENTAR UM GRAMPO DE COSTURA. O LANCE É MUITO GRANDE.

Eugênio fixou uma corda nesse último grampo de 3/8 e desceu, já noite.

O lance seguinte, 30 m de diagonal, até a base da Lagartixa, correspondia ao início da parte mais vertical e prometia ser o lance crucial da escalada. Não se viam platôs (salvo os de bromeliáceas espionhentas) e as agarras escasseavam.

Esta noite, no acampamento, arrumou-se o material para o ataque no dia seguinte (felizmente à noite tínhamos sossego e privacidade) e discutiu-se a estratégia.

Dividir-se-ia a turma em 3 grupos:

1º) cordada Eugênio-Fernando

2º) cordada Garrido-Elton

3º) turma de apoio Claudio-Bernardo e Paulo

A cordada Eugênio-Fernando subiria com os primeiros albores a fim de vencer a "Diagonal" até a base da "Lagartixa". Contava-se que isso fosse conseguido até o meio-dia.

A cordada Garrido-Elton principiaria a subida, a um aviso da outra, para encadear o trabalho, assim que a primeira terminasse. Rendida, a 1ª cordada desceria.

A turma de apoio ajudaria no que fosse necessário, formando cordada de 2 ou 3, transportando material, otimizando o encordamento da via e (muito) fotocinegrafando.

A primeira cordada não saiu com os primeiros albores, devido a ter deitado tarde, às voltas com arrumações de material. Mais tarde, iniciou-se o ataque a Diagonal.

Havia de compensar a escassez de agarras e platôs de pedra pela abundância de bromeliáceas. Espantosa a fixação das ditas na pedra, dolorosa a sua capacidade espetativa. A primeira dessas propriedades permitiu que o lance fosse conquistado em livre, com grampinhos de costura a pouca distância. Após o primeiro lance, assaz escabroso, as agarras começaram a surgir. Foram batidos ao todo, nesta ordem, um grampinho "Salewa" longo, 2 grampinhos "Alpinat" e um "Stubai" e, no final do lance, um grampo de 3/8".

Quatro metros à esquerda em lance de 2º grau estava a base da Lagartixa, o início da fenda. A cordada Garrido - Elton já estava na base da Diagonal. Eugênio fixou uma corda no 3/8 e desceu, enquanto, por outra, a outra cordada subia. Isso aconteceu por volta do meio dia.

A 1ª cordada voltou ao acampamento descansou o resto do dia, enquanto Garrido conquistava (e foi desta feita que ficou célebre em Pedra Grande).

Nesse ínterim, a turma de apoio bateu um grampinho muito quebra-galho no platô base e trocou pelo escadalar a corda fixa do trecho entre o 1º e o 2º 3/8, puxando a dita corda mais para cima.

Garrido, com segurança do 3/8, fez o lance horizontal até o início da fenda, costurou com um "nut", seguiu até um bom platô de pedra, com excelente bico onde passou uma fita de nylon. Excelente lugar para segurança e parada, trouxe o Elton. Embora a pedra fosse sempre positiva, a borda do Lagartão (ou Lagartixa) agora tornava-se sucessivamente, negativa (inclinando-se sobre o escalador), positiva de novo, novamente negativa (e fortemente, formando uma espécie de teto) e finalmente positiva, até o platô que encimava a Lagartixa. Demorou-se em reboque de mochilas e mesmo em vencer as partes negativas, de grande dificuldade. A primeira foi vencida em livre (fissura), bem como a parte positiva em seguida. Na base do segundo "negativo", Garrido bateu 2 bong-bongs mas, neles não con-

fiando, bateu um grampinho Salewa logo acima, na altura da quina. Superou assim o negativo e disparou para o topo da Lagartixa, pois era um longo trecho fácil. Essa arrancada, após árduos metros lentamente palmeados, causou sensação na multidão que enchia o local do acampamento (e mesmo em nós), granjeando-lhe grande prestígio e fama. Garrido bateu nesse platô um 3/8. A pedra deitava bastante e ele seguiu em direção ao início da Horizontal, num lance que caía para a esquerda (ag e ad). Bateu uma cunha gigante num platô com fenda no chão e um Salewa comprido no final do lance, antes da Horizontal, num platô de bromeliáceas. Os lances iam se tornando cada vez mais fáceis e assim, seguindo cada vez mais rápido, venceu a Horizontal com ajuda de um "sling" de costura numa ponta de pedra e chegou ao platô de mato de onde subiam as fendas que vinham do Sorvete. Bateu aí um grampinho (16:30 h) e desceram, ele e Elton, deixando todos os lances encordados e algum material no platô. Haviam conquistado 90 m de pedra, franqueando o acesso à base da Chaminé onde, esperávamos, que as coisas se tornariam bem mais fáceis ou, pelo menos, mais rápidas.

Dia lindo, que parecia pressagiar uma feliz chegada ao cume no dia seguinte. Eufóricos, só a prudência e uma questão de princípio nos impedia de comemorá-lo antecipadamente. Mas era a comemoração o que estava em nossos corações.

À noite, combinou-se a seguinte estratégia: - de madrugada, ainda no escuro, subiriam os sete, as mesmas cordadas. A cordada de ataque -- Eugenio e Fernando -- sairia conquistando enquanto as outras duas acertariam detalhes no encordamento da Horizontal para facilitar o desencordamento posterior, na volta. Bernardo bateria um grampo na Horizontal, substituindo o sling extremamente direcional.

Fora isso, o material foi selecionado para não levarmos muito peso. Tentávamos chegar ao cume e descer no mesmo dia, mas levando comida e agasalhos para prevenir eventual bivaque.

Noite estrelada ...

E, de madrugada, em pleno polígono das secas, na época das secas, após 9 meses de seca, choveu por 9 meses de uma vez só.

O RECESSO

Assim, impedidos de prosseguir e mal dizendo São Pedro e abençoados pelo pessoal da região como portadores da boa sorte, voltamos a Pedra Azul e aguardamos que o tempo melhorasse.

* * *

Na sexta-feira, 23/07/76, estávamos ainda em Pedra Azul. O tempo melhorou bastante, não chovendo. O céu abriu à tardinha. Noite estrelada. Vimos que era hora de voltar à montanha mesmo porque, se não, acabar-se-iam o nosso dinheiro e o tempo da excursão. Voltamos, pois. Em Pedra Grande, o tempo estava aberto, mas havia chovido, disseram-nos o dia inteiro.

De madrugada choveu.

A MONTANHA VENCIDA

SÁBADO, 24/07/76.

Saimos, mesmo com neblina e a pedra molhada. Não de madrugada como planejado: - acordamos às 3:30 h e tomamos café, mas esperamos clarear para sentir o estado da pedra e não abusar da segurança. No resto, mantivemos o plano inicial.

Uma falha: - a corda que se destinava a encordar os lances a ser conquistados entre o final da Horizontal e o início da Chaminé não ficou com a cordada de ataque, mas veio com a 3ª cordada. Isso fez com que ao terminar a Horizontal o Eugenio tivesse que esperar um pouco no platô, antes de prosseguir. Aproveitou para arrumar o material que Garrido havia deixado lá, e que os demais usariam para ajeitar o encordamento e bater o grampo no meio da Horizontal.

Chegada a corda, saiu num lance de 30 m, difícil apenas no início, para entrar na fenda. Em seguida, (fis.) com costuras de 5 ou 6 nuts, 1 bong-bong e uma cunha de madeira (é esta a cunha que não foi retirada), chegou a excelente platô com lugar para segurança de ombro e para fixar a corda que havia levado para tal.

A essa altura, Bernardo batia o grampo intermediário da Horizontal.

Em seguida, Eugenio passou num buraco (belíssimo local); um lance fácil (trepa-pedra), e um lance de mato. Depois uma chaminé que, seca, talvez não seja muito desagradável, mas molhada o é, e que foi vencida pelo Fernando. (A pedra entalada no seu final é solta, aviso

aos que lá voltarem). Essa chaminé é formada pelo Sorvete (no espaço entre ele e a pedra principal) e com ela chegou-se ao cume do mesmo, estranhíssimo platô, parecendo um lugar bíblico, velhíssimo, assolada pela maldição do Senhor, onde só cresciam cactos, urzes, espinhos e árvores ressequidas pelo olhar da ira de Deus. Frutos não davam, nem venenosos, e nem as víboras ali encontravam pouso. Estranhamos não encontrar uma sarsa ardente. O demônio devia habitar aquelas árvores.

Em seguida, pequeno lance horizontal para cair na grande fenda de mato. E to me mato e lances fáceis, direto. Mas a colher-de-chá durou pouco (se é que podemos chamar tanto mato e espinhos de colher-de-chá): chegamos nas "3 pedras", que juntas perfaziam uns 60 m.

Abaixo da 1ª pedra, eram só pedras soltas. E daí foram pedras soltas até o final, só que começaram os lances e, ainda por cima a chuva.

A 1ª Pedra foi franqueada em chaminé. O final dessa pedra consistia num lance vertical - - para não dizer negativo - - de árvores, mato e terra; e, nessa ocasião, água e lama. Daí entrava-se na chaminé formada pela 2ª Pedra. Estreita e cheia de árvores (e, naturalmente, pedras soltas - - dois blocos à entrada - - ; e molhada, óbvio, e cheia de espinhos - - uma bromeliácea na qual se era obrigado a se esfregar, por falta de espaço), o Garrido, forçado a subí-la com duas mochilas, batizou-a de Chaminé do Inferno.

Foi passada assim a Segunda Pedra.

A terceira e última Pedra prendia um grupo de blocos que nos obstruía em todos o final da Chaminé. Porém, o aglomerado de pedras formava uma gruta e, dentro da mesma, poderia haver um buraco que permitisse passagem. Questão de sorte: o Eugenio torceu e foi verificar. Havia. Um buraco fácil de passar. Em chaminé, com auxílio de confortável pisada na coxa do Fernando. Puxou as mochilas dos dois e jogou as cordas por fora, pela parede da direita, para que os demais subissem de fixa, simplificando e apressando a manobra.

Ao assomarem em cima da última Pedra, havia parado de chover, abrindo um pouco, e foi uma enorme gritaria da multidão que enchia o acampamento, lá em baixo.

Daí para o cumé, caminhada. Mas, pedras soltas, o tempo todo, ainda que a inclinação do terreno fizesse com que elas não causassem problema sério demais, adotadas as medidas profiláticas.

O CUME

Chegamos ao cumé escurecendo.

Os três primeiros - - Eugenio, Fernando e Claudio - - tiveram uma vista gloriosa, toda verde e vermelho (verde da vegetação, vermelho dos gravatás, do barro e do céu àquela hora), com uma neblina de finas gotículas localizada apenas em torno do cumé e que, portanto, não tapava a vista, somente a embaçava um pouco e por igual, e um arco-íris duplo, (um arco interno, vivíssimo, e o outro externo) quase fechado (280°) e, no meio do mesmo, a sombra da Pedra. Algo sobrenatural, ou pelo menos extraordinário. Pena que o fotógrafo e cinegrafista da excursão só tenha chegado mais tarde.

Soltamos os foguetes que nos haviam sido dados pelo pessoal de Pedra Grande para avisá-los. E a resposta foi um tremendo foguetório, lá em baixo, e tiros, e foguetes de lágrimas. Encharcados, cansados, famintos, cheios de terra e lama até das cuecas, e pensando no bivaque, no desconforto, na chuva, no vento, no frio, na fome e na descida do dia seguinte, nas complicadas manobras de corda e em reencontrar o perigo das pedras soltas, aquela acolhida efusiva do povo aquela receptividade, aquele compartilhar de entusiasmo amigo, aquela comemoração sincera e espontânea, primitiva, mas calorosa, nos deu novo ânimo, nos refez as forças, levantou o moral e encheu de alegria e gratidão, transmutando o simples alívio de ter chegado em verdadeira felicidade.

O BIVAQUE

Na escolha do local para o bivaque, hesitamos entre a base de uma pedra, de

chão duro e um pouco irregular, apertada, porém com o chão seco e mais protegido da chuva, e um bosque, talvez mais protegido de vento, macio e espaçoso, porém com o chão já molhado e sem cobertura. Acabamos escolhendo a "gruta". Com alguma barricada de pedras e material, contra o vento, e alguma terraplenagem, ajeitamos-nos mais ou menos. Os plásticos quebraram grande galho. Frugal refeição e dormimos.

Choveu a noite toda, molhamo-nos razoavelmente, mas não fez frio.

A DESCIDA - DOMINGO, 25/07/76

Dia seguinte, a neblina dominava o cumé, Café da manhã e ainda sobrou comida! Fizemos uma pirâmide de pedras no cumé, dentro da qual colocamos a urna. E iniciamos a descida.

Descida merecendo poucos comentários, apenas muito cuidado no lidar com as pedras soltas. Quando a neblina se dispersou, vimos que já havia grande aglomeração lá em baixo.

Nas pedras soltas, em 3 cordas postas, descia apenas um por vez todas as três cordas e se abrigava abaixo da última. Isso nos tomou muito tempo.

Também o desencordamento do paredão tomou tempo.

Na Lagartixa, a corda de encordamento prendeu e o Bernardo teve que subir de jumar mais de 30 m para rearrumá-la.

Começamos a descida às 7:00 h. O primeiro chegou ao baixo às 14:30 e o último às 15:30.

Muita gente em baixo, todos sem almoço, e gente na Saia da Pedra, o que nos causava problema. O Elton chegou a ter medo de descer. O Eugenio foi forçado a colocar uma ponta de laca solta na sua mochila, pois não podia deixá-la no caminho nem jogá-la para baixo.

Enfim, maravilhosamente recebidos, tivemos de ser pacientes quanto ao descanso e sossego anciados.

Papelaria Marybeth

Presentes • Novidades • Brinquedos

RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 38-E - TEL.: 285-0596 - FLAMENGO

PEDRA GRANDE DE ALMENARA - MG

Classificação: 6º grau - IV sup

Conquista: CERJ-CEC

Data: 24/07/1976

405 m de escalada

305 m de desnível

CUME

caminhada
pedras soltas

40 m
de desnível

Buraco (II)

20 m

CHAMINÉ DO INFERNO

(cham. - II - DM) 20 m - pedras soltas

DM - III sup. - 20m - pedras soltas

Cham. II - 20 m - pedras soltas

Caminhada

20 m - pedras soltas

DM II sup

65 m

SORVETE
30 m

Cham. III
pedra solta no final

Bico p/ sling

Ag. - Opos. - Fis
III sup
30 m

segurança em
nuts, cunhas
& slings

Horizontal
(Ad - II)
25 m

Ad - II
15 a 20 m

Fis - Ag
II

Fis - A1 - DM
IV sup.

Fis - Ag.
II

Bico Sling

DIAGONAL
Ad - DM - A1 - IV sup
30 m de corda

Ag. III
25 m

PLATÔ - BASE

SAIA
(Ad I sup)
38 m

BASE

CONVENÇÕES

CAMINHADAS NATURAIS

- - Trajeto da via
- ~~~~~ - Fendas & locas
- =====
=====
===== - Canaleta longa, contendo cham., trepa-pedras, etc.
- ===== - Canaleta com mata

GRAMPOS

- ⊙ - Fixo de 3/8
- ⊕ - " de 1/4 longo "Salewa"
- ★ - " " 1/4 curto " ou "Stubai"
- X - " " 1/4 curto "Alpinat" (ñ-conf.)

SEGURANÇA

- 👤 - Boa em árvore
- ≡ - Boa de ombro em platô

PARADAS

- ⊙ - Confortável em platô
- ⊕ - Pouco confortável em platô
- 000 - " " " " de mata

NOTAS

- As metragens dos lances, referem-se ao comprimento da corda.
- Todos os platôs do cume do Sorvete em diante são bons para bivaque, sendo o da base da 1ª pedra protegido de chuvas e o do cume do Sorvete o mais confortável.

ficha técnica:

PEDRA GRANDE DE ALMENARA

CONQUISTADA EM 24 DE JULHO DE 1976 - (CERJ - CEC)

CLASSIFICAÇÃO: Escalada de 6º grau, IV sup. (única via de acesso ao cume)

COMPRIMENTO: Cerca de 400m de escalada (mais caminhada até o cume, sendo difícil de estimar seu comprimento).

DESNÍVEL: Cerca de 300 metros.

TEMPO DE ESCALADA E DESCIDA: 2 dias (1 bivaque, pois).

CONQUISTADORES: CERJ - José Bezerra Garrido
Cláudio Leuzinger
Paulo O. Boaventura Netto
Carlos Bernardo
Elton Fernandes

CEC - Eugenio Epprecht
Fernando Guimarães Lima

MATERIAL DEIXADO: 3 slings, 1 cunha de madeira s/ cordinha (estarão podres) 5 grampos de 3/8", 4 grampos de 1/4" Salewa longos, 1 grampo de 1/4" S-tubai curto, 5 grampos de 1/4" Alpinat, e a Urna no cume para assinaturas dos que lá forem.

MATERIAL TÉCNICO NECESSÁRIO: convencional de escalada e descida, incluindo capacete e mais: - Nuts médios e grandes, bong-bongs e cunhas grandes, Brocas e grampos para eventual necessidade (vide inclusive comentário ao 1º lance conquistado, na Descrição Histórico-Técnica da conquista), cordinhas e gillette (ver descida), conveniente ainda cordas de comprimento para encordamento das horizontais e diagonais.

DESCIDA

É conveniente encordar pelo menos o 1º lance da Diagonal do Eugenio (o grampo de cima é um Salewa de 1/4", usar cordinha para fixar a corda, caso contrário, não caberá o mosquetão; ou então encordar todo o lance, fixando no 3/8" do final. Os demais grampos da mesma não são confiáveis para tal propósito). O comprimento do lance todo é inferior a 35 m; o do 1º lance apenas é inferior a 10 m.

É conveniente encordar a Horizontal ou pelo menos o 1º lance da mesma (pois pode-se descer para o 3/8" do meio dela direto, e daí pegar o corrimão. E ainda, o 2º lance da mesma é fácil de descalar). Já o 1º não é puramente horizontal (ver croquis).

Levar gillette para cortar as cordinhas dos grampinhos de 1/4" e cordinhas novas para substituí-las.

Há algumas descidas em bicos de pedra: necessário substituir os slings deixados (grandes). Levar pelo menos duas cordas de 40 m (o ideal seria uma corda de 60m para cada cordada de 2, mas uma só corda de 60 m para a descida não é suficiente).

PERIGOS OBJETIVOS: Pedras soltas.

ACESSO:

Deixar o carro na casa que fica na base do " Silhão " (outra pedra da região, vizinha à Pedra Grande) ou ainda mais adiante (há outra casa).

A estrada segue, embora em más condições, um pouco mais até bem perto da base. O caminho em seguida é óbvio e imediato (há várias trilhas). A base da montanha é óbvia. Há um lajeado de pedra a 40 m da base, com um colchão de terra e relva onde ele, o lajeado, faz limite com o mato que rodeia a base, ideal para armar a barraca - se houver barraca - (OBS.: é aconselhável começar o mais cedo possível - vide

obs. sobre bivaque e locais para tal, no croquis - - e portanto, é extremamente de saconselhável começar a escalada a Pedra Grande no mesmo dia da chegada, o que automaticamente, significa dormir na base).

Informar-se no povoado de Pedra Grande sobre o acesso até a casa na base do SILHÃO (não há dificuldade).

OBSERVAÇÃO: a base da 1ª das " Três Pedras " oferece excelente abrigo contra pedras soltas. Daí para cima, são cerca de 60 m de pedras soltas com uma parada confortável e outra desconfortável no meio, fornecendo abrigo relativamente ruim. Portanto se for possível escalar de uma vez só esses 60 m é bom (se o atrito permitir). Outra solução é o 1º da cordade trazer o 2º até si antes de começar a Chaminé do Inferno (se houver condições de dar segurança, pois há blocos enormes à sua entrada e o perigo de pedras caindo é bem diminuído junto delas, pois ainda não têm tempo de tomar " embalo ").

Na descida, será ideal descer esses 60 m de uma vez só, (mesmo que se coloquem várias cordas consecutivas), apenas o último fazendo descidas menores (2 ou 3). Assim descerá um de cada vez e se abrigará em baixo da 1ª Pedra, tornando o risco nulo.

MORAL DA HISTÓRIA: A descida não é trivial. Várias soluções foram apresentadas para seus diversos problemas. Entretanto, in loco, poderão surgir outras soluções, melhores, mais simples, mais seguras, desde que se esteja prevenido e se leve material suficiente.

NOTÍCIAS

● Deixamos de publicar nesta edição, ESCALADA PARA INICIANTEs, aguardem, portanto, para o próximo número a publicação deste tão importante assunto, dedicado aos que iniciam no esporte e que serve também como reforço técnico aos alpinistas mais experientes

● Equipe do CERJ, sob a direção de Carlos Bernardo, após um árduo trabalho, terminaram o melhoramento da Passagem do Olho para a Orelha na Pedra da Gávea, com a colocação de cabos de aço e grampos novos. E para não esquecer, o Paredão CEPI também está completamente reformado deste julho. Ambos liberados pelo DT do CERJ.

CONQUISTAS DO CERJ

18/01/48	- PAREDÃO DIAS PAES	- (Irmão Maior do Leblon)	-19 grau
23/01/57	- PICO RIO DE JANEIRO	- (Cordilheira dos Andes)	-39 grau
10/01/60	- PASSAGEM C.E. RAMOS	- (Pedra da Gávea)	-39 grau
20/01/65	- PICO DO DEDO	- (N. Venêcia-Cristalina)	-49 grau
29/01/67	- PAREDÃO LARANJEIRAS	- (Morro Dona Marta)	-39 gr.A
04/01/67	- PAR. BRAVIN FERREIRA	- (Alto Moirão-Niterói)	-39 grau
23/01/71	- PAREDÃO SALOMYTH	- (Morro da Babilônia)	-39 grau

VISITE OS MUSEUS

MUSEU DA REPÚBLICA

O Museu da República funciona no Palácio do Catete, à rua do Catete, s/nº, de terça a sexta-feira das 12 às 17.30 e, aos sábados, domingos e feriados, das 15 às 18 horas. O prédio, ex-sede do Governo Federal, é hoje considerado padrão das residências do século passado por sua opulência, decoração, pinturas, esquadrias trabalhadas e parquets em madeiras raras. Seu acervo é composto de peças de valor histórico e objetos de arte ligados à presidência e aos presidentes. Dentre estes estão a urna utilizada nas eleições do primeiro governo constitucional, em fevereiro de 1891, e o coche usado na posse dos presidentes até 1922, além de condecorações,

armas e trajes militares.

O primeiro andar do museu contém seu acervo histórico, organizado cronologicamente; o segundo consiste dos salões do palácio, com pinturas nos tetos e quadros e painéis de artistas como Antônio Parreiras e Décio Vilares; o último andar encerra a parte social, com seus quartos presidenciais e objetos pertinentes.

Para estudantes de todos os níveis são realizadas visitas guiadas, que podem ser marcadas pelo telefone 225-7662, de segunda a sexta-feira no horário das 12 às 18 horas. A entidade possui, também, aberta ao público, uma biblioteca com livros didáticos e especializados na história da República do País.

COLABORE
COM O CERJ
ANUNCIANDO
A SUA
PROPAGANDA



BALANÇO DE 1977

RECEITA		DESPESA	
Mensalidades	8.785,00	Luz.....	1.747,00
Jóias e Carteiras	2.070,00	Telefone	1.713,00
Tít. Sócio Propr.	1.100,00	FMERJ	850,00
Doações	1.665,10	Condomínio	8.932,00
Atividades Técnicas ...	736,00	Imposto Predial 76/77	4.141,10
Venda de Material	1.900,00	COMLURB (1976)	150,00
Empréstimo	2.013,10	Imprensa Oficial	420,00
		Correios	71,40
		Boletim do CERJ	82,00
		Imposto Sindical	144,40
		Multa CLT	877,70
		Diversos	386,00
Sub-total	18.269,20	Sub-total	19.514,60
Saldo de 1976	1.610,72	Saldo p/78	365,32
Total	19.879,92	Total	19.879,92

ASS. SÉRGIO DE SOUZA BAHIA (PRES.)
IVONE GERALDES DE ALMEIDA (1ª TES.)

CONHECER O BRASIL teresina - PI

Ruas bem traçadas, cruzando-se em ângulo retos, quarteirões formando um imenso tabuleiro de xadrez. Esta a primeira imagem sugerida aos passageiros nos poucos minutos em que o avião sobrevoa Teresina. Mas, em terra, a capital do Piauí tem muito mais a oferecer.

Vegetação urbana profusa. À noite, a Avenida Frei Serafim se enfeita de luzes e cores. No centro, construções antigas e arquitetura moderna compõem um conjunto de contrastes. Enquanto o táxi percorre largas avenidas — alamedas onde a carnaúba ainda viceja —, vão ficando para trás as lavadeiras dos Rios Parnaíba e Poti.

O motorista, velho morador da cidade, vai dando as "dicas" que sua experiência diária acumulou. Duzentos e noventa mil habitantes, universidade federal, 16 cursos superiores e 19 bibliotecas. Indústrias de óleo de babaçu e cera de carnaúba, dois teatros, dois cinemas, seis jornais diários, além de ligação rodoferroviária e aérea com as demais regiões do país.

A CIDADE E O RIO

Quase ilhada entre dois rios, Teresina divide com mais três capitais — Brasília, Belo Horizonte e Goiânia — o privilégio de cidade planejada. Daí, as dimensões bem comportadas de suas ruas, entrecortadas de avenidas e praças. Surgiu em 1830 com o nome de Vila do Poti e, em

julho de 1852, conseguiu a emancipação política, recebendo o nome de Teresina, em homenagem à imperatriz Dona Teresa Cristina.

Mas a transferência da capital do Estado, de Oeiras para a margem direita do Rio Parnaíba, não decorreu tranquila. Só depois de demorado processo político foi consolidada como nova sede do governo, transformando-se logo em seguida em importante porto fluvial. A cidade passou então a viver do rio.

Da influência do Parnaíba sobre a vida das populações ribeirinhas — entre as quais se inclui Teresina — ficou o registro literário de *Beira rio, beira vida* de Assis Brasil, e *Rio subterrâneo* de O.G. Rego de Carvalho, evocativos dos dramas, desgraças e esperanças da gente simples do Piauí.

Com o tempo, as idas e vindas dos navios-gaiola, barcos e canoas que faziam o percurso Teresina/Parnaíba, foram perdendo importância. E a cidade, que vivera longos anos em função do rio — na época o único caminho para o transporte das riquezas extrativas vegetais —, conheceu os tempos das estradas asfaltadas e da hidrelétrica de Boa Esperança. Que trouxeram novas perspectivas de progresso para a indústria e o comércio. Novos tempos que iriam determinar muitas transformações.

Hoje, é sobretudo o comércio que movimentava as ruas de Teresina.

Dra. MARIA LEOCADIA LUXARDO
(C.R.M. 22272)

ENDOCRINOLOGIA

Cons.: Rua Pedro de Carvalho, 329
Tel. 269-5433

Res.: Rua Eduardo Botelho, 10
Tel. 398-0483

ASTRONOMIA

A HISTÓRIA DO TELESCÓPIO

(continuação)

Saturno, visto por Galileu, apresentava estranhas aparências como demonstram os astrônomos. Esses aspectos deformados do planeta eram provocados pela imperfeição da luneta empregada. Mais tarde, HUYGENS, explicaria a verdadeira natureza daquele corpo celeste. Mas o grande feito do cientista italiano foi a descoberta dos quatro satélites mais brilhantes de Júpiter em 1659, fato que deu grande força ao heliocentrismo.

A LUNETTA DE KEPLER

A primeira pessoa a demonstrar o princípio e vantagens de uma luneta verdadeiramente astronômica, ou seja, aquele que fornecia uma imagem invertida do objeto, foi o famoso alemão JOHAN KEPLER (1571-1630).

A formação de uma imagem invertida não apresentava inconveniente, desde que o instrumento seja usado somente em observações astronômicas. Suas idéias foram apresentadas em 1611, na obra de DIOPTRICE.

O desenho da luneta Kepleri

ana diferia do esquema de Galileu por empregar como ocular uma lente biconvexa, de bordos delgados. O observador vê uma imagem virtual aumentada e invertida do objeto. Essa inversão caracteriza a luneta astronômica. O uso de uma ocular de foco positivo possibilita a aplicação de um retículo no foco comum das duas lentes (objetiva ocular). A inovação de desenho de Kepler abriu a porta para a invenção do micrômetro, dispositivo que, acoplado ao telescópio, permitia observação de maior precisão.

Os princípios da luneta de Kepler foram aplicados na prática, por CHRISTOPH SCHEINER (1575-1650), um jesuíta que construiu esse tipo de telescópio pela primeira vez. Na sua obra "ROSA URSINA", em 1630, ele fez uma descrição do instrumento.

(Cont. próx. nº, com o DESENVOLVIMENTO DO TELESCÓPIO).

vivendo e aprendendo

✿ Quando você ver um arco-íris no lado oeste é sinal de que vai fazer tempo ruim. Mas se ele estiver do lado leste é sinal que o tempo ruim já passou.

✿ O alfabeto havaiano só tem doze letras. E a gente pronuncia as palavras do mesmo modo que o latim.

✿ Foi só em 1202 que a Europa ficou conhecendo a numeração árabe (essa que a gente usa toda hora). Antes disso eles só usavam algarismos romanos.

✿ As asas são os braços dos pássaros, certo? No entanto, elas são vinte vezes mais fortes do que os braços dos homens.